

GUSTAVO TANUS



AHAGBE

QUE NOS GUARDE...



editoraifrn

GUSTAVO TANUS

A HAGBE

QUE NOS GUARDE...



editora**ifrn**

Natal, 2019

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Abraham Weintraub

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Ariosto Antunes Culau



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor

Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo

Coordenadora da Editora IFRN
Kadydja Karla Nascimento Chagas

Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Ana Paula Borba Costa
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anísia Karla de Lima Galvão
Carla Katarina de Monteiro Marques
Cláudia Battestin
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Fábio Alexandre Araújo dos Santos
Genoveva Vargas Solar
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior
José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
Jozilene de Souza

Jussara Benvindo Neri
Kadydja Karla Nascimento Chagas
Lenina Lopes Soares Silva
Luciana Maria Araújo Rabelo
Maria da Conceição de Almeida
Márcio Adriano de Azevedo
Nadir Arruda Skeete
Paulo de Macedo Caldas Neto
Ramon Evangelista dos Anjos Paiva
Regia Lúcia Lopes
Rejane Bezerra Barros
Rodrigo Luiz Silva Pessoa
Sílvia Regina Pereira de Mendonça
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Hanna Andreza Fernandes Sobral

Fotografia de Capa

Thiago Miragaia

Coordenação de Design

Charles Bamam Medeiros de Souza

Revisão Linguística

Sayara de Medeiros Xavier

Coordenação de Revisão

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Prefixo editorial: 54885

Linha Editorial: Artístico-Literária

Disponível para *download* em:

<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. Natal-RN.

CEP: 59015-300. Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

A HAGBE

QUE NOS GUARDE...



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

T169h	Tanus, Gustavo. A Hagbe que nos guarde -- / Gustavo Tanus.-- Natal : Editora IFRN, 2019.
	145 p.
	ISBN:978-85-94137-73-9
	1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I.Título.
	CDD: B869.1 CDU: 869.0(81)-1

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza – Bibliotecária - CRB-6/1390

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

A meu mano André
Ao poeta Adão Ventura.

No demorado instante do agora

A coletânea de poemas intitulada *A Hagbe que nos guarde...*, do poeta Gustavo Tanus, reitera, uma vez mais, aquilo que já nos foi ensinado por Walter Benjamin em suas “Teses sobre o conceito de História”: a ideia de um tempo sincrônico, em que as temporalidades se encontram. Por que retomo aqui Benjamin e seu último escrito de 1940? Por que fundamentalmente os poemas que integram esta coletânea tratam do tempo e seus mistérios, suas pontas que se tocam, sua circularidade repleta de dobras e fraturas, dos amontoados de ruínas que são as lembranças e os objetos acumulados, dos quais o texto poético pode ser inventário. *A Hagbe que nos guarde...* remete o leitor a um presente que também é passado, a um contemporâneo repleto de traços de outros momentos históricos, à ideia dos acontecimentos em devir. Os poemas que compõem a coletânea se curvam sobre si mesmos e, nesse movimento, produzem um jogo que se estende em duas direções: uma, metalinguística, que reflete sobre sua própria construção, e outra, metonímica, que reitera cada poema como uma parte que explicita, que contém o todo. Assim, nos poemas que integram essa coletânea em questão, é possível vermos a confluência do tempo, o amálgama entre o aparentemente findo e o que está em plena pulsação, o “já” no “ainda”, como diria Gior-

gio Agamben retomando Benjamin em suas reflexões sobre a simultaneidade temporal.

Nesse sentido, destaco três poemas que exemplificam o que penso/sinto sobre *A Hagbe que nos guarde...* O primeiro deles é “Entreatos”, que corrobora a questão metonímica a que me refiro. Ele contém em si, se não toda a coletânea condensada em seus versos, pelo menos boa parte dela. “Entreatos” se divide em dois fragmentos. No primeiro, vê-se o questionamento da passagem do tempo. O poeta toma como metáfora do passado um filme (o todo) e o cartaz do filme (a parte), onde imagens, tanto as que estão em movimento na película, quanto a que está estática na fotografia, estão cristalizadas no presente, dando testemunho do passado, ou como escreve Tanus, dando “conhecimento” dele. Ao dar-se a conhecer, o passado é atualizado e já não há distinção entre as cronologias. Há, ainda, nesse fragmento, uma terceira categoria de imagens, a imagem escrita, que emerge da sinopse do filme e é nesta categoria imagética que surge a possibilidade de “reconhecimento” do que foi e ainda é, questionado pelo sujeito do poema. no 2º fragmento, o poeta descreve a desesperada tentativa de reter o tempo no inventário das coisas e é exatamente a escritura, a imagem-grafema, a letra duradoura, a condição possível para tal inventário.

O poema “Rapsódica” também (re)apresenta características semelhantes às do poema já citado. A lembrança de um temporal metaforiza a passagem de uma etapa a outra da vida; Significativamente, o temporal ocorre no dia do aniversário de 11 anos do poeta, assinalando o fim da infância, que por pressuposto é o tempo idílico do ser humano. Assim, ele passa de uma etapa a outra, do idílio à tormenta, (con)fundindo-as na memória. Note-se, ainda, que não é sem razão que o poema possui esse título. A rapsódia,

lembre-se, é uma composição musical, calcada na justaposição de músicas, o que nos remete à justaposição do ritmo e dos tempos. Há que se notar, entretanto, que nessa justaposição há lugar também para o futuro, ainda que como nostalgia, como memória, tal qual no poema “Amanhãs”, que se mostra emblemático quanto a isto: “Quisera eu ter nascido depois de depois de amanhã / em um logo ali de um tempo tão dilatadamente distante / de sobrevivida de um único ser / Desmemoriado / sem nostalgia, sem arte e / sem esperança”.

O poema “Uns rabiscos para uma teoria do tempo” segue na mesma direção, isto é, na justaposição, na confluência dos tempos, que o poeta verseja como “pequenos concomitantes”. Neste poema, porém, à questão do tempo, junta-se a questão espacial, a indagação/desejo de traçar uma cartografia que traduza os caminhos percorridos por ele, poeta. Menciono, entre outros, o poema “Composição”, em que os versos iniciais indiciam o entrelaçamento entre o sujeito e seu percurso: “a confundir-se com linha que se estende, um homem caminha” e mais adiante “A línea. / A caminhada.” Note-se que o percurso do sujeito se dá no território da escritura, em que vida e texto são indistintos. “Composição” é reiterado pelo poema “Corpo”, que não diferencia sujeito e texto, tomando como exemplo dessa simbiose uma carta.

Todo percurso, toda travessia parte de um ponto, de uma origem. Assim, Tanus busca na sua própria genealogia e no território familiar, a origem do seu caminhar. Em seus ancestrais, ou melhor, nas narrativas destes e das quais o poeta é guardião e porta-voz, está também a ontogênese de seus versos. Destaco como exemplares desse aspecto os poemas “Árvores” e “Vago lume”. No primeiro, os versos “Neste ponto em que me encontro / sou todo tempo e espaço / Distante dos meus antepassados / tão perto da

origem” Dão a medida do que aqui afirmo. Em “Vago-lume” a casa paterna é a origem, uma casa paradoxalmente de alicerces sólidos, mas sem telhado, o que permitiu ao poeta voar mundo a fora e, ao mesmo tempo, manter os pés fincados em suas referências. O poema “o/” corrobora os outros dois, ao enunciar que “Após um enorme período de esquecimento, comecei a recordar que, embora estivesse fixo, autorizava intensas ações de me manter em movimento”.

O amontoado de ruínas que se acumulam entre as fraturas do tempo e que sublinham sua simultaneidade, se revelam nos fragmentos de várias épocas e lugares, dispersos nos versos de muitos dos poemas de *A Hagbe que nos guarde...* Assim, vestígios do século XVIII podem ser entrevistados em algumas das composições desta coletânea. O Setecentos se faz presente na poesia de Tanus nos traços barroquizantes que se expressam nos jogos de luz e sombras (“lux facta est”); nos paradoxos, nas antíteses (“Três notas para um autorretrato”); nos conflitos entre o sagrado e o profano (“Escambo”, “Móbil promessa”); em signos que remetem aos cenários setecentistas, como em “Toada” (que, inclusive, abre a coletânea), do qual emerge a dobra e o repique de um velho sino, talvez localizado em alguma igreja perdida em lugarejo distante e em “A viagem”. Neste poema, Tanus assume a persona do tropeiro solitário que trilhava vales e montanhas, para metaforizar sua própria viagem interior.

O barroquismo encontra o contemporâneo nos versos do poema “i/”, no qual o poeta radiografa a contemporaneidade e resume sua visão sobre ela nos versos finais: “Estes tempos gestam um ser / que de modo paulatino / constrói-se e reconstrói-se / (contemporaneamente, / pronunciado em modo alegre) / por uma performance prazerosa, / de seres metonímias”. Em sua radiografia

do presente, Tanus nos alerta também para a presença do século XIX no momento atual, apontado pelo poeta em traços próprios daquele momento histórico, como o racismo, algo ainda não superado pela sociedade de agora. O poema “Evolução” expressa essa constatação do poeta.

É também das dobras do tempo que saltam as vozes de outros poetas e cujos sons reverberam pela boca/mão do poeta. Em *A Hagbe que nos guarde...*, três poetas atravessam suas páginas e seguem viagem com o poeta. Assim é que encontramos nos versos de “À mesa de jantar” e em “Odu”, ecos drummondianos. Inclusive, “Odu” é uma paródia do “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade. Todavia, a voz que mais se faz ouvir é a de Adão Ventura, a quem Tanus dedica a coletânea como um todo e o poema “Constelações”, em particular. A presença de Ventura se faz em diversos poemas e não é sem razão, pois o poeta esteve em estreito convívio com o arquivo pessoal desse poeta, uma vez que o organizou, entre os anos de 2014 e 2016.

O terceiro poeta cuja voz ressoa nas páginas de *A Hagbe que nos guarde...* é o santomense Francisco Tenreiro, a quem é dedicado o poema “E o coração está em África”. Neste longo poema-inventário, testamento/testemunho de nossa herança diaspórica, Tanus recusa os pré-conceitos, as ideias equivocadas sobre a África e (re) funda o continente africano, desenhando-lhe uma outra cartografia, que, certamente, não é traçada com as tintas do exótico. Devo sublinhar que “E o coração está em África” e o já mencionado “Árvores dialogam diretamente, numa relação derridiana de complementaridade, apontando, ambos, para uma ontogênese identitária. Cabe salientar que neste poema, África e Brasil se tocam, Tenreiro e Ventura se encontram, atados pelas imagens de suas poéticas e pelos nós da escritura tanusiana. Enquanto nós,

leitores, os (re)encontramos – Tanus e seus companheiros de viagem – no corpo/pele das palavras, neste trânsito que (des)conhece as linhas fixas das fronteiras, o tempo linear, e que se chama poesia.

Por fim, ratifico o meu refletir/sentir sobre *A Hagbe que nos guarde...* (o qual não se encerra aqui, pois continua além deste texto), com a transcrição do poema “Gotejo”, que traduz, em síntese, tudo que aqui aponte:

*E assim, vive-se,
eternamente
naquilo que pouco dura;
que indefinidamente persiste,
nos intervalos entre gotas,
pouquíssimos intermináveis segundos.*

Prefácio de Antonia Cristina de Alencar Pires
Doutora em Literatura Comparada pela UFMG.
Verão de 2019.

Toada toda

entre a toada
dim dãm dãõ,
e a dobra
dãõ
dãõ
dãõ,
o velho, Seu João, alça sua cabeça
tira o chapéu
e perde-se no juízo
até o próximo ressoo do sino.
entre o repique
dãm
e a dobra
dãm
dãm,
o velho pende a cabeça
em respeito aos ausentes
e encontra
na memória (intacta?)
aqueles que nunca se foram
o sineiro Sô João,
a catadora Sá Pedra
e o cumpadre Sô Joaquim...
dãm,
seu pai Arlindo,

a mãe Sá Guilhermina,
os primos, as tias, a avó...
dãm,
a moça do romance,
a batuta do conto,
a heroína da aventura;
e lá vai o novo sineiro
tão dedicado quanto ele,
redobrando o sino,
e o velho volta as vistas ao adro,
planeja o caminho circundando a praça com um olhar de tomar
fôlego
dim dã dão,
retoma a juventude, reencontra o pessoal...
por fim, no último gongo, se atualiza:
o mundo é outro, o tempo é outro, o lugar também é outro,
mas é como se não fosse.

Velha Valsa

a princesa
dança a velha
valsa vienense.
que se dance!

vítima e ré.
mais ré que vítima:
não lhe atina outro ritmo.

que assim foge
em andamento de roda,
para fora do compasso.
um eis que surge
inconformada
uma velha aldeã.
logo duas.
uma turba de mulheres.

e ao longo da torre,
atalaias-guardiães
vigilam:
qualquer pequena diferença no gesto
no passo oficial, forçado aos súditos,
deverá haver punição
que os cães régios aguardam.

a velha princesa
dança a mesma
valsa vienense.
que se dance!

ré e vítima.
agora mais vítima do que ré,
não lhe alcança outro ritmo,
uma outra dança.

que assim foge
em ritmo outro
em um novo compasso.
uma multidão, não,
pequeno grupo de pessoas, não,
precisamente uma jovem aldeã.

E por sobre a torre de vigília
guardiões recrudescidos pelo ofício de ver
pouco veem.
porque vigiam.
a valsa vienense, a princesa,
velhas decrépitas,
a confirmar da norma, a melhor regra:
frouxo compasso ternário,
tradição, família, propriedade,
com passos e gestos,
rumo
ao túmulo certo.

À mesa de jantar

Estar sentado com os deuses à mesa a jantar não significa tomar parte em suas continuidades.

Daqui do alto alumia-se
um movimento descontínuo, oscilante, variação ritmada,
ondulante, incerta,
uma dança,
um mexer de corpos fantasiados, uniformizados
de chita sanguínea escarlata,
de suave branco linho,
balouçando pendentos agaloados, coloridos, com ornatos de
ouro e prata, alegorias da ilusão,
e da desilusão.

23

Por afinidade, a desilusão ilustra toda minha momentânea eterna;
e a ilusão representa o embate perene entre mim e o restante.

Toda superficialidade não é necessariamente incapacidade de tocar o bottom do mar profundo, mas apenas a origem para nossa ciência do afundar. Em que a impossibilidade de aprofundar canta graças à bóia que salva, em um poética da flutuação, que mantenha a vida; neste justo, esta mercê,

desejada e cuidadosamente elaborada em nome da estabilidade e
segurança, funda uma questão:
aquilo que nos garante a normalidade
é aquilo que não nos permite tocar o fundo.

Rapsódica

A decisão de incorporar um uso eterno para o resumo de gostos e preferências: haverá uma lista razoável de curimbas e canções.

Que tratem de traduzir minha melhor forma.

Que ilustrem bem o primeiro raio de sol daquela manhã, a qual nunca me esqueci.

Que marque o temporal inesperado do dia 26 de setembro de 1990, virada do tempo, carregado de nuvens cinza-azuladas, perfume premonitório de água.

Que representem um ponto de fuga para minha pintura.

Uma lista do possível que não improvável. « Fade in. »

27

A menos que eu ampute cada outra canção que insista colocar-se por entre os segundos definidos, a menos que eu as diga não haverá jeito que se toquem entre ritmos e melodias diferentes, não. Não me esqueço de alertá-las do meu desejo, e elas se reproduzem.

Hei de lograr a escolha da escolha da escolha, que estejam silenciosas, concomitantemente na iminência vingativa de acionar play, em um parêntese de um parêntese de um parêntese.

Nenhuma delas pode com minhas recomendações. Insistem em dialogar, pauta por pauta, tempo por tempo, nota por nota. Em que todas se melodiam e parecem harmonizar-se na grande uníssona rapsódica,

desta minha vida,

findada nesta leitura, que as quantas não seja possível saber se hoje resisto.

Entreatos

I

o cartaz
as velhas marcas,
peças que se encaixam certas nas lacunas da paisagem de
agora.

como distinguir intensa média das futuras impressões?

o findar de um ciclo
tradição das coincidências,
entre o engodo, o engano
esperado desengano.

intermezzo:

o passado é um filme do qual dizem ter eu tomado alguma parte,

mas são tão mesmo cenas levemente gravadas em película
a qual se reconhece somente pela sinopse,
e se conhece apenas pelo cartaz.

31

II

Se me dessem a conhecer possibilidade de desembaraçar
palavras, estaria decidido:

Só poria estendido o essencial.

E assim seria meu grande inventário de coisas poéticas.

Como não me deram a saber,
ato-me a esta pequena condição de simples guardador.
(confio que guardo!)

A este guardar simplesinho me é permitido coser ligeiramente
pontas distraídas de pequenas imagens, formadas ao toque
embaraçador de intermediário, de quase hermeneuta, um pouco
exegeta, que, ao decidir ataviamentos tantos, ao melhor,
tome corpo de leve minha alma, leve,
sem paradas, sem rush.

Uns rabiscos para uma teoria do tempo

Contorno.

[uma preparação para atravessar de um lado a outro,
partindo desde o ponto original,
ao destino, incerto].

A proveniência,
ou origem,
ou a emergência, dos eventos.

Da sorte, o termo,
o efeito, o remate,
a morte.

Na travessia, o caminho,
um eterno advir dos pequenos concomitantes;
Ó providência, dê-me alma de suportar;
e ofereci-me o secreto de uma matéria
em que eu sobreviva ao rascunho
de uma cartografia para os meus sentidos.

Árvores

Neste ponto em que me encontro
sou todo tempo e espaço.

Distante dos meus antepassados,
tão perto da origem.

A terra, o mar, a voz, longínquos.

A senzala, o navio, a terra,
distantes,
e tão aqui.

O tabuado estirado, o porão.

No chão de terra batida

a avó do meu bisavô,

avô de minha mãe,

enterrara algo trazido do primeiro assentamento.

Qualquer tentativa de conhecer proveniência

deverá ter começo na descoberta do que ali foi enterrado.

Num ponto do trajeto do oriente

minha bisavó,

avó de minha mãe,

lançara ao mar uma garrafa,

uma mensagem, que fundou:

qualquer tentativa de conhecimento da origem

deverá partir do encontro desta garrafa.

Em São João D'El Rey,
minha avó,
mãe de minha mãe,
escutara diversas histórias
sobre o objeto enterrado,
a mensagem na garrafa.

Qualquer tentativa para a emergência do que sou,
parte da ação de recontar estas histórias,
a me contar pelo silêncio daquilo que digo.

A garrafa portadora da mensagem,
objeto que justifica este projeto.

O objeto desconhecido, símbolo da terra primeira,
parte que permite esta poesia.

38

E cada narrativa
que guardada, enfim recontada, reinventa-me deveras.

Nem início, nenhuma fundação,
nesta busca que não cessa
ao desejo de encontro de respingos de seiva azul que me diga a
que vou,
Dirão, alguns, sobre seus ancestrs régios
e clamarão por justiça em suas timelines.
e na vida, forçarão uma simples manutenção do *status quo*,
Eu,
em cada segundo de uma existência alicerçada no conhecer as
horas,
todas,

esforço-me por compreender a dimensão tempo
na sementeira do chão,
neste espaço,
itinerário floresta injustiças,
mato injusto.

Vago lume

na casa sem telhado,
o ar circulava-se mundo afora
légua e meia além.
do beijo de légua eu ia um pouco mais,
além.
respirava o vento, tocava os ases de cada palavra
arrebentava cada parte do retalho marcada
e desfiava a tela, além.
num suspiro
me lambuzava
no doce daqueles momentos.
ali tudo que planta não nascesse tão só,
nas pontas dos dedos brilhava a tez das jóias, do ouro,
como piratas em busca de tesouro;
na ponta dos pés ensaiava um voo,
noite alta, dizia a meu pai que tamanha ventura,
mesmo que nunca mais fosse,
a experiência daquele objeto cujos alicerces
sólidos eu nunca ia arribar.
cerrasse dentes como dias e dias como portas,
assaltasse cimos como pudins e pudins como os teus instantes,
trepasse desejos de aquém-mar e
galgasse tudo aquém-túmulo,
mudo.
percorresse mundos,

que eu nunca ia arribar.
não há cimo donde não há elevado,
e aquele que é levado a tanto
tanto faz se perdeu rota
tanto fez que perdera rumo,
porque o não lembramento,
após cada primeiro alumbramento,
nunca guardasse as pedras ao redor
como guardasse cascalho rolado
na vala
do alicerce
do teu quarto.

Corpo

A Luana Tolentino.

A carta é corpo presente.
E o corpo que anuncia
sonha
comunica
transpõe movimento do gesto, do ritmo,
à iminência do som da letra.
E o corpo em sendo transposto,
nos braços de abraço,
pernas e pés de contradança,
cabeça
pendida em respeito
e saudade,
cristalizado movimento,
aguarda trânsito.

45

A viagem da carta é um quase corpo ausente
(que vai aberto o coração, e com ele, um pouco da gente)
a letra desenhada no remetente
símbolo do que se sente
dita o nome do escrevedor, que destina o espírito em letra
a quem com fé aguarda alguma notícia.

No reverso os traços que se fazem letras
marcam o destinatário
transpondo no toque cuidadoso

da caneta no papel;
um afago,
um abraço,
um beijo,
ou mesmo um soco;
prosa e poesia das intenções,
retratos de instantes:
inventário de sorrisos e contentamentos,
num possível relatório de lamentos ou desgostos.

A intenção, a escrita,
o papel, o lápis, a letra,
o espírito,
o envelope, o selo,
desejos:
uma carta é construída.

46

Ganha corpo, vence espaço
e viaja.
Em sua viagem ela concorre outros tempos
– idas e vindas de boas e más notícias:
E a carta viajante prossegue em sua marcha.
Dirige-se ao outro,
carrega-se de nós.

Ela atravessa junto de outras cartas em outros corpos,
– endereçadas cada qual a um destino,
algumas que há muito chegaram,
lidas, guardadas,
foram relidas,

até que pela transmutação de sentimento em letras,
até já foram respondidas.

Cada carta, ao pé de outros informes,
evidencia uma informação
necessária e muitas vezes esquecida:
repletos de sensibilidade, estamos vivos,
um corpo de possibilidades de afeto,
empanturrado de desejos e vontades.
mas não nos esqueçamos de que
se num tempo histórico
amamos e golpeamos o outro,
não desistamos,
no demorado instante do agora,
de firmar verdadeiras desculpas
– em letras, palavras –
àqueles que fazemos sofrer.

Após uma extensa fase de silêncio, comecei a me lembrar do tempo distante em que principiava o manuseio médio consciente de todo discurso que me fundara.

Estaria, portanto, pronto.

Após um enorme período de esquecimento, comecei a recordar que, embora estivesse fixo, autorizava intensas ações de me manter em movimento.

Estaria disposto ao que pudesse vir.

Antes de me inteirar disto que soa como uma pequena vingança, afirmo que, hoje, em meio a ruídos de todos os cantos e lados, sons que não admitem reflexões antes do reflexo, é importante que eu consiga administrar todas as velocidades: máxima acelerada e a qualidade de execução resistente das minhas ações, em que calado e imóvel, imprimirei um nó constante. Talvez nós, e bastará, para a fuga desse nó.

Hesitação

Das coisas que não sei, nada digo.

economia de tinta,
evites à corrosão do gênio,
à dissolvência do espírito,
ao desgaste do leitor.

Inclino, pois, para uma breve contação,
que não será possível evitá-la,
nem mesmo seria escondê-la,
ou aniquilá-la.

Minha mão está em ser este ser na contramão,
em que tudo é novidade percebida pelo que possui de alguma
insistência.

Insisto nela como se fosse uma grande bandeira, até que me calo.
De que insistir faz-se breve resistir, enfim, desistir.

Reconheço que a maior infalibilidade está em não reconhecer as
novidades como possibilidade de construção de um novo
mundo, novo rumo e toque, um outro canto.

Ao que isso indica, aproximar das pistas, tocá-las sem desejo,
mesmo sem ter uma grande questão, torna-se tristemente
unicamente a tarefa, hercúlea.

Em que nada me contém « interrompida a festa de sensações »
tudo me detém, em desejo voltar para casa.

E esta mão que toca displicentemente os fiapos, que cortá-la ape-

nas atrasa!, do que supus existir como um
belíssimo engajamento, analiso todos vestígios e traduzo-os
atrapalhadamente em palavras estas,
que embaraçadas,
pouco ou nada dizem.

Ser contemporâneo.
Contemporaneamente.
(Soletuada essa palavra,
paulatinamente –
e não me venham me acusar de omissão).
Mais do que ver,
utilizar este modo de ser,
estes tempos obrigam deliberar,
conceitos, pareceres
– tenhamos sempre,
sobre tudo, opinião!

E me acusariam de ser algum ista,
qualquer que seja o mal da vez.
Pois há que dizer, qualquer estar sobre
um juízo, doutrina, apontar males de reputação.
– tenhamos sempre certeza de...
tenhamos sobretudo opinião!
E me acusariam mais uma vez,
agora, por omissão!
Mais do que ouvir,
utilizar este modo de estar,
estes tempos forçam à opinião,
cega, surda e falante,
e mesma

que fundamentada num dizer,
ela apontaria,
orgulho, vaidade, capricho, ou teimosia?
Sobre tudo. Imagem, intermitente, imobilizada.
Sobretudo. Imagens de si, dinâmicas e eternas.
Estes tempos formulam um ser
contemporâneo
(assim mesmo
dito, p a u l a t i n a m e n t e) –
que não desejam ser metáforas,
trânsito de imagens que saibam
a hora e a vez de omitir-se.
Estes tempos gestam um ser
que de modo paulatino
constrói-se e reconstrói-se
(contemporaneamente,
pronunciado em modo *allegro*)
por uma performance prazerosa,
de seres metonímias.

56

sistema

Estampa cristalizada na face,
e aquele sorriso.

(Um incômodo é gerado da impossibilidade de se conhecer o motivo).

Podéria haver facilitação da anatomia da face,
queixo despontado para frente,
lábio superior entrado,
maçãs do rosto salientes, rubras,
fixamente,
rigidamente lançadas,
e arqueadas,...
e estes olhos brilhosos
 que tão bem apertadinhos...
Talvez seja isto,
talvez!

59

O que teria de tamanho acontecimento
que causasse tão este molesto...
Definitivamente deve ser consequência de alguma perturbadora
mutação
que permite todos os afrontes,
e esta, a minha condenação.

Confuso
obtusos
de mente e resto;
Em tanto de acaso estar diante do oráculo,
a aclarar pequenas dúvidas,
Prontidão para o esquecimento de tudo,
logo lembrar,
cada vez um pouco menos,
progressivamente,
e menos ainda,
para a conformação de um vazio, a me confundir.

61

Enlouqueço-me,
endurecido,
emocionado,
esvaziado.
Eis uma questão,
pergunta antiga:
aberta uma sindicância,
que diria das instantâneas pequenas questões de ser:
desta coisa apenas mágica,
como se faz para parar de funcionar a magia?

Três notas para um autorretrato

Sofro da querela entre antônimos
grande e pequeno:
enormada luta entre uma mania de grandeza,
para a grave escolha das coisas pequenas,
como grandes fossem;

versus

a pequenez de uma existência ordinária
resumida nos desejos de humildade,
como se fossem verdade.

63

Alma imperfeita, defeituosa, (pós-moderna?),
qualquer filiação com o mundo é parte de alçar o indicador,
necessariamente pelo desejo de conter em si
aquilo pelo qual o levantar inclui a união:
de dizer a que veio,
com um assumir a culpa por tudo.

Todo crescer,
não será, pois, de qualquer morrer.
Nisto, em desatar os liames
– da vida,
em atar os laços
– da morte,
morrerei um dia,

– longe do mar de morros,
perto do sal e das dunas –
da melhor *ira*,
a ziguizira.

Paz

faz-se paz,
e a paz não foi feita.
não foi feita.
porque paz não é apenas face.
a paz é corpo inteiro,
espírito, alma.
mais que intenção,
a paz é invenção.
faz-paz,
que não passa.
mas a paz não foi feita.
não foi feita.
porque paz é inteiro corpo,
alma, espírito,
é questão de cabeça
posicionado o coração.
que a paz tem dono,
minha paz é do outro,
pois que faço,
que faço.
e está declarado:
enquanto houver pessoas de bem,
a paz estará cancelada.

67

Escambo

A N. Sra. do Rosário, da Igreja do Rosário de Chapada do Norte.

à Senhora:
que se revela, rosário;
por ofício deste rosário,
recital de vossa digna resolução,
proposição de vossa graça,
assunção do credo;
peço que me note e me ponha em conta;
que por vossa função,
renunciastes o pecado,
por este rosário,
rogo que me guarde, Senhora.
piedosa Senhora,
vos ofereço, por escambo,
vasta sucessão de cruezas,
enorme série de crueldades,
desmedida sequência de ignorâncias, e,
sem excesso, ofereço a vós,
um troço da minha intolerância,
um pouquinho das minhas tolices,
de cada uma das minhas atitudes e pensamentos ruins,
que, ao mundo,
tendo universal a presentear
humanisticamente como cura.

móbil promessa

Nosso Senhor dos Passos,
conto-lhe,
um por um,
cada passo,
todos os passos,
se me prometerdes não contar os meus.

Amanhãs

Quisera ter nascido amanhã e as janelas me mostrassem nada
além do dorso nu dos

[edifícios vizinhos,

em que eu, com sorte, pudesse bisbilhotar a rotina dos outros
como se assistisse a cenas

[de um filme.

Quisera ter nascido no dia seguinte, em que já não mais
houvesse horizontes

[longamente distendidos,

e eu apenas pudesse ver cemitérios de colunas, pilares, arcadas,
paredes,

concreto mais concreto; e,

a cada vacilada, um muro interrompesse meu itinerário.

Quisera eu ter nascido depois de depois de amanhã,
em um logo ali de um tempo tão dilatadamente distante,

de sobrevida de um único ser

dsmemoriado,

sem nostalgia,

sem arte,

sem esperança.

Antimidas

Na impossibilidade de recordar as imagens,
me seria natural frequentar a figura de um midas,
comprometendo à recordação dos traços algum vulto brilhoso.
« Negação terminante »

Desço-me até outro ponto, falo de outro lugar.
É decisivo não dizer sobre mim e digo:
Sou um antimidas,
todo brilho que toco vistas,
se transforma em humano.

A viagem

arrumo provisões, vou
viajar, ande logo, a viagem
é longa, arrumo que dê
para as primeiras curvas,
vou com cavalo magro, que
não dá testemunho, a
viagem é longa demais, não
vou de tropa, vou sozinho,
andarei o caminho longo, a
viagem é minha, e tenho de
ir só, levo comigo as
provisões que arrumarei,
ande logo, levarei comigo
também tudo o que não for
previsão, se corro, será
daqui, tenho que ir pra fora,
e a viagem é demorada, a
vida não é prevista, não
quero morrer logo, antes
tenho que ir, vou só, o
caminho é longo, não posso
levar ninguém, nada que
não seja lembrança daqui,
recuerdos serão o tanto de
boa comida que me oferecerem

para ser levado em minha bolsa
e água de bom nascimento,
vou depressa, tenho rumo certo,
para lá que é a viagem, ande logo,
o caminho é longo,
sinuoso, tem mata-burros,
tem forquilhas, tem lama,
travessia de leito seco,
tem distrações, tem
muita aventura,
ladrões de cavalo, padres,
cachorros agonizando
pancada na cabeça, tem
chuarada que molha osso,
tem bicho na farinha, tem
cavalo que morre de
cansaço, não posso parar um segundo,
porque a viagem é longa e eu vou só...

78

Composição

A confundir-se com linha que se estende, um homem caminha.

O vulto. O esboço.

Sem pressa e sem sombra, vai, arrastando-se.

O sol. Justa passada e lenta.

Reflete. Resume. Porta-se, das letras serifadas, suas manuscritas.

O grotesco. O arraste.

Temo desejar chegar sem ter ânimo de sair,

se convence, suporta a culpa.

Faz tempo e já estou no caminho. Não é meu,

depois se revolta.

Consigo divisar os rastros, traços humanos.

81

E logo ligeiro se anima.

O pó.

O vento.

A poeira.

Sujam os olhos.

Golpeiam o corpo, como letras.

Inscrevem-se palavras, gravadas à pele.

Suja ferida ralada na terra detrás das pranchas.

O vento. A terra. O pó.

Por extenso.

A línea. A caminhada.

A subida da poeira não lhe deixa perceber o atalho.

Composição centrada.

O impresso. Justificado.

Escritura à mão.

Descentramentos.

O texto distende-se, alonga-se, deforma-se.

A emenda.

Acidente.

Constelações

À Pedro Ventura, irmão de Adão Ventura e doador de seu acervo.

É mister explicar,
num dia como este,
o caos do ateliê,
este museu de fragmentos do insólito:
a ordem diária do efêmero
compõe denúncias para todos os excessos do arquivo,
estes deverão ser arquivados num alforje,
juntado numa das caixas,
a compor,
com outras tantas caixas,
repleta de textos,
variadas tessituras e asterismos,
diversos objetos,
e páginas rascunhadas,
de prosas e
de versos,
uns amassados, outros passados,
ora editados em livros,
coleção disponível em bibliotecas,
da qual seu catálogo,
arranjo em livro cuja capa – impreterivelmente – se inscreve:
nossa própria coleção humana de instantes
a que chamamos vida.

quase uma receita

em meio a todas estas pseudofilosofias,
a que desacatam pelo que possui de pequenez,
uma pouquidão línea poético político indivíduo.
e este é o melhor momento,
a que bem ou mal,
cada impureza,
toda idiotice,
me é parte
de um eu-coletivo.
em que eu sou todo aquele que sou,
num sinal dos tempos,
colherinha de apocalipse.
e esta é a melhor hora,
a que mal ou bem,
toda imundice,
cada sujeira,
nos é um todo
de nós-indivíduo,
em que nós somos todos aqueles que sou,
num lembrete de que talvez não haja mais jeito:
uma pitada de dádiva,
numa chávena de perplexidade.

87

O ser/estar em fins de poesia

Ao que se toca preferência de estar,
Presume-se que,
Muito ultimamente,
Na era em que transposição confunde-se o partilhar das peças
Como se seus encaixes, copiados, por si só, bastassem

Lança-se a quixotescos pegando-se de suas áreas de contato,
Como se sempre tivesse necessitado desse novo qualquer outro
significado,

Ao que se presume única possibilidade de ser,
Toca-se que,
Muito agora,
Nesta época em que milagres indistintam-se na intenção dos versos,
Como se novas faces, encaixadas, bem funcionassem

Arremessa-se às várias pessoas prendendo-se à mágica da
eliminação de suas substâncias; em busca da leitura da leitura da
leitura,
Como se tivessem nascença à espera da qualidade nutritiva da
matéria desses novos mesmos,
Como se poesia, mercadoria que só fizesse sentido nos
comentários poéticos de consumidor;
Como se ela valesse apenas para ignição dos ós, em apagamento
de todos d-efeitos que nos obrigam modificações.

Ao que se toca e contragolpeia,
Quase nada resta,
Quase nada permanece,
destes contemporâneos
encômios,
retilíneos de simplificação em sentido do sentido do sentido,
operações de uma literatur-escrita
restrita,
repleta de informes sobre leitur-asas
rasas,
em diluição poética;
concentração:
da visão em totalidades,
ao que são falhas;
do desejo em posses,
do que são faltas;
dos defeitos,
originais,
que imaginam virtudes.

Cada dificuldade se me apresenta como um desafio ao enquadro.

Se enquadrar resulte ultrapassá-la, mais dificultosa, por agregar outro obstáculo, será.

Se harmonia for desencaixilhar-me, mais impedimento, por reunir outro e outro embaraço, será.

Há o receio de que ela me convença, há o temor de que eu não mais me reconheça.

Que tal for a moldura, que mascara todas minhas desordens, que camufla inteiros cada um dos meus defeitos e que apaga completo todas minhas culpas, limite à felicidade, causa infeliz das minhas agruras, mantenho-me outside, recusando-me ser uma pessoa de bem, e me revoluciono:

fora de mão, mantendo em suspenso ser bons adjetivos, a dispor um estar disposto a abusar, falível humano, da cabeça e coração.

Entre-grades

Pela absurdeza expositivocientífica
quase enciclopédica, faço protesto!
cerro minha boca,
encarcerro minha língua,
paraliso qualquer mente pretensamente civilizada,
ocidental,
e saboto.
Porque andam repletos de munição expositiva,
científica,
prestes a disparar
contra o que não reconheço,
a arma do fragmentário,
do compartimentado,
do descontextualizado,
embasados em métodos que dizem salvar.
isto que sempre pretende
mais que convicção
ser um profundo tratado
de uma evolução (a única possível),
em que creem se encontrar no topo
miméticos em academia de intelectuais imbecis,
grandes doutos,
que,
virtual altura,
tanto maior o tombo certoiro.

Evolução

se bem vê, debaixo desta nova pele, tecnológica,
o humano continua
positivista da cuca,
cultivando suas crenças medievais,
pondo fé nas tortas teorias científicas,
de eus eugênicos,
extravasante de cordiais racismos,
praticando um anacrônico romantismo naive,
em artes com manual de uso, certificado de garantia
e data de validade,
fidelizadas numa poiesis do parnaso.

97

Ser e o poder

dado – num arremesso do tempo – falência nos superpoderes,
minguam-se sonhos e fantasias,
rareia-se felicidade desmedida sem quê nem por quê.
Lançado a isto em que o tempo insiste:
nunca mais seja naquilo a que se dedicou,
cresça, dizem,
supere a imaginação,
e tome assunto nas responsabilidades de estar.

Pedras

Do reino da pedra, império humano,
uma lição aos pedra-e-cal.
Há que contar:
da pedra aquilo que é humano imoderado humano;
Há que conter:
da relíquia humana aquilo que é pedra exorbitante pedra;
Só não há de esquecer,
ou mesmo deixar de lembrar que
a despeito do caminho que traça,
da melhor matéria,
da pedra sem jaça, do minério bom,
mister que se faça
põe-se pedra põe-se o humano
e narra disto
o impossível
do seu mistério possível.

101

Consciência

em busca de ordem,
o vazio no meu ateliê;
desconcerto na biblioteca dos retalhos;
confusão no museu do fragmento;
desalinho, desarranjo, desconforto.
só são organizadas as peças extraordinárias,
que poesia,
em muita desordem para as ordinárias,
que inventariadas de segunda mão.
Diversas lacunas, imensos rastros no arquivo total:
quase ordem diária, organização instantânea para este caos.

103

das coleções

Desde muito cedo que meu irmão e eu mantemos e alimentamos nossas coleções.

A alma colecionadora re-classifica, re-organiza, re-aloca diversos objetos e coisas.

Por hora, contemos um pequeno inventário destes objetos cujo guardar começara com a primeira moeda – cien soles de oro – e termina agora, nestes cien soles de oro.

Inventário do Sr. José

uma garrafa mijona;
peças em conjunto, de um puxavante,
rebolo e pedra;
reliquia de pau-d'óleo;
uma mandinga compreendendo
 hóstia consagrada, guizo de cascavel, falanginha de anjo;
paninho verde de damasco;
vara e meia de fitilho para chave;
1 encadernado em cordovão preto,
 sem título;
algumas folhas pautadas, soltas
 amarelecidas;
vidraria de óleo para defunto inocente;
tesoura de cortar fita,
 etc.

107

O gesto da escada

Enrodilhada em sua vértebra,
a escada serpenteante ajeita-se.
Sôssega, aproveita o cochilo da casa, e enrija-se.
A cada momento de rigidez,
paíra o desejo de oscilar.

O piso,
em seu estiramento por sobre a terra,
intenta,
sofregamente,
roubar-lhe posição.

109

A laje,
que recebe o movimento dos degraus,
de quando a quando, soe rejeitá-los.

E a escada ali,
vacilante,
que,
em ocasiões de vazio,
torna-se dura.
Que em outra circunstância,
a que chama ofício de seu lazer,
dá-lhe,
a toda a casa,

ressonante humana frequência
de mal ter estado aqui
e já estar em um outro lado.

Contra-gesto dos andares

Diz-se do movimento da escada que umbral se figura entre as duas partes principais, no único ser que então toca. Espargindo área pelo universo, limitado somente ao interior das paredes, este ser está que fica.

Ao primeiro andar,
neste caso,
se põe o início da entrada humana até a sua cessão de movimento,
precipício do primeiro degrau.

113

Ao outro,
suspenso pelas traves da alvenaria, diz-se segundo,
porque,
desde ali, se principia o começo da morte ação do dia em noite,
que manhã renasça.

E destes andares,
talvez resposta ao gesto da escada que a eles nada mais lhes é do que hiato,
fazem-se expendidos no esforço
de estiramento insistente de sua corpulência e áreas.

Alquimia

alguma química moderna das coisas:
o poeta conseguiu transubstanciar rumo em chumbo.
da fuga fez pé pesado plúmbeo

[rumo ao mar.

foi a pique.

afundou.

vereda vertical rápida oceânica poética

[a caminho do fundo.

A biblioteca

Seja,
deste ambiente,
nosso laboratório,
escritório,
nosso museu,

que daqui se faça
um arquivo de venturas,
um parque,
nosso melhor esconderijo,
ou mesmo um abrigo,
para dias sombrios como estes.

117

que seja construído
um quarto
em nossa casa,
no instante em que se faz
uma casa
deste quarto de livros.

gotejo

E assim, vive-se,
eternamente
naquilo que pouco dura;
que indefinidamente persiste,
nos intervalos entre gotas,
pouquíssimos intermináveis segundos.

Vaó

viver como largar um vício:
um grande desejo justifica uma decisão:
lança-se um stop.
resta apenas dor e ansiedade,
esta abstinência,
(uma saudade agitada...)
suspeita-se de que todo esforço
vale a pena.
que valha.
e então como valora este vazio

121

Linguagens

instauro um novo português
e no novo
meu
últimas sílabas de cada palavra
chamadas pé
serão também raízes.
caminhos rumo aos ancestrais.
a morte é o derivado de corte
e vice-versa.
a diferença entre
meta
testa
e
poeta são estas:
o pó, a tez e eu.

123

Evolução

Amontoado de prédios alinhados
híspidos, altos, imponentes,
que não sugerem mais que realidade.
silêncio de pedra
em meio ao barulho vida de todos animaiszinhos.

A atenção reduzirá a velocidade:
E ninguém está atento,
a não ser a fila indiana de edifícios hirtos
que mimetizam diversidade
e observam esta nossa humanidade.

125

Atravesso a rua, sob os olhos de vidro,
e caminho sendo punido por cada olhar.
Alguma compensação não estabelecerá justiça alguma, penso.

O transporte público cortava retilíneo os corredores de asfalto,
dentro, imagino uma congregação de incompatibilidades,
e cogito perceber cada uma daquelas rotinas.

Parecem fiéis ao que têm de humanidade,
leais àqueles que serão sempre como sobrados antigos em ruas
que não se tocam.

Mas o humano, liquefeito,

em sua intolerância fluida,
reapresenta, sem desistências,
saltos, ressaltos,
épocas de evolução das matérias,
pelo que dizem inovações de suas técnicas construtivas.

Odu

quando eu nasci um anjo pardo
desses que se fingem barroquinho
me alertou:
vai ser sinistro na vida...
vai ser sinistra, sua vida.

lux facta est

no meu leito de morte,
direi: faça-se a luz!
e cheia de si,
ela
devolverá
a mim:
eu que em mim te pus
e carreguei tua cor,
te canto com amor
uma cançãozinha,
que é pra ver se te embalo!

131

Vertigens

No princípio,
Em que vida era sempre lembrar
e havia a promessa de que o esquecimento fosse viver,
Esgueirava-me pelas bordas dos precipícios,
Olhando de longe o horizonte,
Agarrando-me mais à vertigem
Que o alto solo da juventude permitia.

Neste começo,
Em que para ir
assumi a erosão da vertente como viver fosse,
Este esquecimento que permite sobrevida;
Olho para perto,
Os detalhes que permitem retomar o horizonte,
Ao menos a imagem congelada, eterna, etérea.
Descuido-me da ação de deixar para trás,
E abandono a vida voragem.

Recomeço,
Livre, e
Como plano de voo
projeto de leitura
modo de vida,
plano de escrita,
escrevo:

Lembrarei, incessante, desejava esquecer.
[Lembrei de esquecer. Esquecia tanto, que vida.
Desajustes,
despressurização,
deslocamentos,
em desfiar a tela e arrumar o novelo.
E esqueci-me, tanto, quero.
[Mudei o assunto, o formato, o veículo, que viver.
Adaptações,
acomodações,
conciliações,
em que as classificações da matéria culminavam em guardar os
fios.
Guardo-os,
fios, romãs, tecidos,
coleção
imagens-cristal
em inventário finta
sensório, movimento,
desafio,
poesia, às vezes ficção.

Uns nós

Vida,
da resposta única para perguntas diferentes,
da verdade renitente advinda de rápidas opiniões
da idiotice de mãos dadas em rede
não há nada de bom no exterior disto.
nem no interior.
A vida insiste e resiste
à identidade única
punjante peça contínua,
E podes contribuir desatando o nó.

137

E o coração está em África

A Francisco Tenreiro.

De coração em África
me exaspera ignorá-la
diante da certa imagem
estável e segura
de que raiz não perfura terra seca.
Decerto esta condição de África
(sou todo eu um defeito)
se põe aos outros
que, em bom recalque,
esqueceram a sua palavra e
se estabeleceram sádicos
em arranhar o giz do mesmo
ao quadro negro,
a que escreve-se
um silêncio de
desconheço-te, África,
ignoro suas histórias,
não os reconheço irmãos,
nem estes estranhos batuques a que fazemos caricatura.
Tinge-se em cores burlescas,
que nos veste a ignorância
em que visto da mais galante estupidez e
fazendo críticas por suas condições gestadas pela cegueira sobre
este nosso próprio quintal:

apenamo-nos por suas dores.
Decerto esta condição de África
(um todo defeito eu sou)
se põe aos outros
que em boa esquivia,
desviam do vestígio,
apagam o sinal que lhes dá origem,
negam negam négo
até que se esqueça aquilo de que se nega.
De coração em África,
dois crimes:
não há sertão, o interior, o mato longe –
existe só beira (onde lhes parece mais seguro)
e os desertos de dores.
Deste contorno perimetral,
périplo a uma África qualquer,
de uma só paisagem, que mascara as de Sael,
que branqueia o Nilo,
e aniquila os corpos, história, cultura, tecnologias
bantas.
Logo vê das savanas, roças,
matos, ilhas,
entre as serras, o mar e as planícies,
objetos-peças coisas-mercadorias.
E se o coração está em África,
este desconforto que não se pronuncia,
porque não é permitido estar em África,
porque é desconhecido estar em África,
porque estar em África é afirmar que
não se está aqui

frustrado
por um desejo de estar, na metrópole, no reino.
E o coração está em África,
nesta África grotesca,
a ferro e fogo, criada pelo ocidente,
a traço e desenho, gestada por Europa,
a laço, grilhão,
África cuja imagem se forma pela ausência dos irmãos,
trazidos a navio e mantido presos,
[que não sou eu, por eles, os outros, não por mim, não
por mim, não por mim...

E o coração está em África,
em desespero que não se soletira,
por estar no contorno raso da tela,
nos limites superficiais dos mapas.
Caminhos palmeados desde aqui,
sem sabê-los,
rumo profundo sulco destino,
da paleta de cores que brilham, África que escapa
aos tons primevos de

[uma veraz saudade sentida de coração em África.

Da travessia do seu corpo pelas beiradas,
faúla limite, fez volta contornou o périplo
orgulho de uma qualquer épica que
sem hesitar guiara à ação de devassá-la África,
escondendo sujeira dessa violência,
e sem alarde, violara
todos os povos

[de Benim, de Gabão, São Tomé, Angola, Moçambique,

Congo...

E o coração está em África,
nesta África que guarda
escondida na terra
suas origens
e princípios
para depois das nossas guerras,
e que aqui ao peito segue indolente,
porque o inimigo,
pelo óleo negro, pelo brilho da pedra,
pela menga, inteligências,
se fez amigo e
convenceu de que eram irmãos,
de que não éramos irmãos, de que eram aliados,

[de que éramos rivais, e inimigos e amigos, aliados,
irmãos...

Desta lida, deste engano certo, disto,
Impossível despir o juízo doente
Que põe cerca nas terras
muros entre pessoas,
e planta minas terrestres,
ornando lápides a emparedar as vivências.

A voz e pensamento certos,
certeiros, retornam, porque livres
unem-se ao estranhamento
causado por um descobrir
este diáfano e opaco véu colonial.

Minha voz e pensamento
Vão crescente, crescendo, a crescer em
desconheço-te, África,

conheço seus povos por bandeiras europeias,
pelas serras e matos falseados,
e ignoro seus impérios e suas nações gloriosos,
a conhecer estados de monstro subdesenvolvido,
de outros que, acaso calçam-se cores da terra,
calcem pés numa ficção imposta;
Esmagariam, assim, as narrativas das circunstâncias,
hipocrisias e falta de caráter,
dadas por cláusulas de contratos

[aid for Africa.

África, pontos cardeais inomináveis,
de um atlas esquecido,

[à propósito de olvido,

escorre américa trigueiras lágrimas escondidas
a duzentos, trezentos,
trezentos e cinquenta

quilômetros por hora de uma velocidade encoberta,
deixando-nos de coração a ficar mais só, mais só, tão só,
a sós em um mundo cândido repleto de próprios,
que não somos nós próprios, senão nós,
esses embaraços de unidades que impeçam a comunidade.

Corpo presente nesta América de banalidades cruéis
que flagelaram, primeiro a alma dos africanos,
por lhes retirar a terra, depois violaram as texturas;
forçando-os ao esquecimento;
e, na tentativa de abrandar o banzo,
a que homesick,
mataram a casa,
arrebentaram o muntuê,
açoitando corpos até que o espírito

amainasse África, numa razão doente.
porque não foi permitido estar em África,
porque não foi permitido ser África,
estar em África não foi permitido,
não foi permitido, ser África.
Mas se o coração vem África,
bem imaginássemos ao mirar o céu
que tão logo haveria trânsito
correntes de vento que balouçassem a palha.
– Atotô, Tata.

E este sol de fé,
escaldante calor requeimante,
meiodia
que abraça a terra e abraça o corpo.
Em África, zara tempo,

144

tempo zara,
das cartas dos cadengue de Kilelemu,
redes que enlaçam,
aqui e lá,
ixí
duílo,
corações, pensamentos
momentos, histórias,
Salve o tempo de contemplá-la África
com a pele e o corpo,
de venturas
em voos de abutre;
movimento canto
palavra entalhada som
música palavra composição

Hagbe

oriki poesia orisà vodun
curimba poesia inquice
– minkisi
a Hagbe que nos guarde...
rodopiantes,
de oscilações,
tocadas em corpo e pele;
quando me propusestes
este outro amanhecer.
Era tempo findar o silêncio
esta agonia
Era tempo escutar o grito
samba som banzo d'África,
Era tempo pulsar-menga vívido
o pardo movimento das palhas,
batepé.

Índice

No demorado instante do agora	07
Toada toda	15
Velha Valsa	19
À mesa de jantar	23
Rapsódica	27
Entreatos	31
Uns rabiscos para uma teoria do tempo	35
Árvores	37
Vago lume	41
Corpo	45
o /	49
Hesitação	51
1 /	55
sistema	59
2 /	61
Três notas para um autorretrato	63
Paz	67
Escambo	69
móbil promessa	71
Amanhãs	73
Antimidas	75
A viagem	77
Composição	81
Constelações	85
quase uma receita	87

O ser/estar em fins de poesia	89
3/	93
Entre-grades	95
Evolução	97
Ser e o poder	99
Pedras	101
Consciência	103
das coleções	105
Inventário do Sr. José	107
O gesto da escada	109
Contra-gesto dos andares	113
Alquimia	115
A biblioteca	117
gotejo	119
Vaó	121
Linguagens	123
Evolução	125
Odu	129
lux facta est	131
Vertigens	133
Uns nós	137
E o coração está em África	139



Tipografias utilizadas:

EB Garamond

Barlow

Papel da capa:

Cartão Supremo 250g

Papel do miolo:

Pólen Soft 80g

Impresso na Copiart.

-

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN, não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão de direitos autorais. Em caso de reimpressão com recursos próprios do autor, está liberada a sua comercialização.

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



editoraifrn



GUSTAVO **TANUS**

Poeta. Doutorando em Estudos da Linguagem (UFRN), é mestre em Teoria da Literatura pela UFMG. Atualmente é professor do IFRN, campus Natal Central. Integra o Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (UFMG) e é cofundador do Moviola – grupo de pesquisas intersemióticas/intermédias: travessias entre Cinema, Literatura e outras áreas.

Inventário poético sobre o tempo e seus mistérios, sobre como as pontas se tocam, as dobras, fraturas e amontoados de ruínas. Um convite para que os leitores percebam a temporalidade e o que dela são recorrências, repetições, o findo, o em plena pulsação, para engendrar o novo. Em seus modos de expressão, o poeta usa do artifício da metalinguagem que aponta para o instante de engendramento de leituras sobre as realidades e a elaboração de um discurso sobre elas. Trabalha também com a metonímia, em que os textos, o tempo, o olhar, as ações, as culturas são parte de um todo. O livro é sobre o humano em sua percepção/construção dessas realidades e a concepção/modificação da cultura, em perspectivas que intencionam (como um desejo) elaborar uma ética, por meio da reflexão sobre o trânsito entre tempos e espaços, períodos e simultaneidade temporais. Essas questões aproxima-o do olhar contemporâneo para a elaboração de outro caminho, novo.

